

A ÁRVORE E OS SEUS FRUTOS OU ALGUMAS NOTAS SOCIOLÓGICAS SOBRE AS CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS DA GLOBALIZAÇÃO

*Wagner Lopes Sanchez**

Resumo

O artigo faz uma reflexão a respeito das conseqüências sociais da globalização. A exclusão social é vista como um ingrediente intrínseco do capitalismo “globalizado” que se manifesta em dois fenômenos: a destruição das funções sociais do Estado e o colapso do trabalho e o desemprego.

Palavras-chaves

Globalização, neoliberalismo, exclusão social, Estado, mercado e desemprego.

...é pelo fruto que se conhece a árvore. (Mt 12,33)

— 1 —

Uma das grandes questões colocadas no debate sobre a “globalização” neoliberal é aquela que diz

* Wagner Lopes Sanchez é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC/SP e professor na Faculdade São Luís e no Instituto de Teologia da Diocese de Santo André.

respeito às conseqüências sociais das mudanças que estão sendo desencadeadas.

A metáfora presente no título deste texto quer indicar a perspectiva em que nos colocamos para analisar a globalização: a análise deve começar a partir dos próprios resultados desse modelo de economia.

Um dos pressupostos subjacentes a este texto é o seguinte: a exclusão, como decorrência do alto grau de concentração de capitais, existente no capitalismo, é um dos ingredientes fundamentais da globalização neoliberal. Ela não é um acidente de percurso, nem é um desdobramento inconseqüente em virtude da inexistência de alguns ajustes necessários. Ao contrário, a exclusão faz parte da estrutura básica das mudanças atuais e, por isso, tem sido a marca registrada desse novo modelo de economia.¹

Neste texto, por causa de espaço e do objeto de nossa reflexão, não vamos tocar na discussão a respeito da especificidade do termo globalização. Mesmo assim, é importante ressaltar que nos discursos feitos tanto pelos defensores quanto pelos críticos da globalização, há um certo exagero em torno do próprio uso do termo. Hirst e Thompson chegam a afirmar que a “globalização, da maneira como é concebida pelos seus defensores mais extremados, é basicamente um mito”.² Um dos principais argumentos usados por esses autores é que, na verdade, não há, até agora, na nova configuração econômica mundial, um caráter global da economia. Segundo eles, podemos falar em internacionalização e não em globalização da economia.³

De qualquer forma, o que importa é o próprio significado da globalização atual:

Certamente, a globalização significa, em última instância, uma nova forma de acumulação e regulação do capital, que, agora,

1. Depois de apontar diversos “inconvenientes” no uso da palavra exclusão, Castel afirma que “Pode-se falar, então, de precarização, de vulnerabilização, de marginalização, mas não de exclusão. Ou então, damos à palavra um sentido metafórico para significar que estas categorias estão privadas de fato de participar de um certo número de bens sociais e que estão ameaçadas de cair numa situação degradante.” (*As armadilhas da exclusão*, p. 40).

2. Paul Hirst e Grahame Thompson, *Globalização em questão*, pp. 14-15.

3. Idem, pp. 17 e 18. Neste artigo, usamos o termo globalização tendo consciência das dificuldades existente em torno do mesmo.

*se constitui, em sentido pleno, como sistema mundial, com uma capacidade de ação cada vez mais independente em relação aos estados nacionais...*⁴

A atenção para as conseqüências sociais tem sido negligenciada por aqueles que defendem a globalização. Ao contrário, estes dedicam-se a falar de um mundo novo prometido por uma economia globalizada. Insistem que o único caminho é o capitalismo, embora reconheçam a incapacidade do capitalismo globalizado de resolver os grandes problemas da humanidade hoje.⁵

São os críticos que têm se preocupado em apontar as graves conseqüências de uma economia “globalizada”. A exclusão social tem sido a marca característica da globalização.⁶

Como a sociedade do capitalismo “globalizado” é a sociedade do espetáculo, em que a imagem sobrepõe-se à realidade, a produção de ícones emblemáticos é necessária para esconder a dramaticidade da globalização para aqueles que sofrem, na própria pele, as conseqüências do modelo. A indústria automobilística e a eletrônica, com os seus avanços tecnológicos, são alguns dos ícones que compõem esse quadro.

Os discursos dos defensores da globalização são, também, um espetáculo de convencimento e de encobrimento da realidade, pois, se lançarmos um olhar a partir das condições concretas de vida das grandes majorias da população mundial, veremos que a vida torna-se, cada vez mais, um desafio quase intransponível. Aí não há espetáculo; há fome, dor, sofrimento.

A destruição das funções sociais clássicas do Estado e suas conseqüências (privatização crescente da saúde e da previdência social, a

4. Manfredo Araújo de Oliveira, *A globalização e a problemática do terceiro mundo: desafios éticos*, p. 6. (mimeo). É importante ressaltar que o processo de globalização atinge todas as áreas da vida social e por isso não podemos restringi-la ao econômico.

5. Esses argumentos podem ser encontrados nos discursos de economistas e cientistas políticos como Rudiger Dornbusch e Francis Fukuyama. A esse respeito ver entrevista concedida por Francis Fukuyama à *Folha de S. Paulo* em 27/07/97, caderno 1, e artigo publicado por Rudiger Dornbusch no mesmo jornal em 21/07/96, caderno 1.

6. A exclusão provocada pela globalização é também cultural e política. O mecanismo de exclusão atinge todos os setores da vida social. Neste artigo, por razões de espaço, dedicamo-nos a refletir apenas sobre a exclusão social.

degradação da educação pública, o abandono das infra-estruturas urbanas nos bairros periféricos etc.), o colapso do trabalho e o desemprego são algumas das conseqüências sociais que preocupam e que apontam para a direção a que estamos nos referindo: a exclusão social.⁷

— 2 —

Para o neoliberalismo, o Estado é visto como uma grande ameaça à liberdade do mercado. Numa concepção maniqueísta, o neoliberalismo opõe o Estado ao mercado. O mercado é considerado o lugar da liberdade, da realização plena e adequada da vida humana e da vida econômica. Nessa perspectiva, o mercado é auto-suficiente e auto-regulador e, por isso, dispensa qualquer tipo de ingerência externa:

*A ideologia neoliberal, extremando o cerne clássico das teorias acerca do mercado, vê o mercado como ordem espontânea, auto-suficiente em sua dinâmica auto-reguladora. O mercado, nessa visão, se basta a si mesmo, porque se auto-regula por seu próprio dinamismo interno.*⁸

Em contraposição ao mercado, o Estado é o obstáculo, é a ameaça ao mercado e à liberdade. Sendo assim, no figurino neoliberal é necessário reduzir o Estado ao mínimo possível. É a afirmação do Estado Mínimo. Como não é possível eliminar o Estado, é preciso, então, reduzi-lo ao estritamente necessário.

E aqui se coloca o problema das políticas sociais do Estado⁹. Se é necessário reduzir o Estado ao mínimo, como prega o neoliberalismo, como pensar então as chamadas políticas sociais que, sobretudo neste século, foram afirmadas como sendo prerrogativas do Estado? Não é necessário pensar nelas, dirão os neoliberais. Segundo eles, a economia de mercado, por si só, cria condições para integrar todas as pessoas...

7. Uma análise bastante pertinente a respeito do colapso do trabalho e o desemprego na economia “globalizada” está presente no livro de Viviane Forrester. *O horror econômico*. São Paulo, Ed. UNESP, 1997.

8. Hugo Assmann, *Desafios e falácias*, p. 24.

9. No caso brasileiro, a forma como está sendo tratada a política de saúde pública é um exemplo do “enxugamento” do Estado. Um exemplo disso é o orçamento federal para a saúde que, em 1997, foi de 20,513 bilhões de R\$ e, em 1998, caiu para 19,643 bilhões de R\$ (Fonte: Comissão de Saúde da Câmara).

Se consideramos os diversos índices sociais nos países periféricos e no nosso pressuposto de que o capitalismo “globalizado” tem na exclusão social um dos seus ingredientes fundamentais, a afirmação de que “o mercado cria condições para integrar todas as pessoas” tem apenas o sabor de promessa.

Ao negar ao Estado toda possibilidade de desenvolver políticas sociais, acrescenta-se um outro fator de exclusão social que, somado à exclusão social intrínseca ao capitalismo “globalizado”, potencializa-se as conseqüências sociais negativas da globalização neoliberal.

— 3 —

O atual modelo econômico tem como característica a flexibilização. Esta é a “varinha de condão” mais utilizada nos dias atuais. É a flexibilização de todas as áreas da economia, desde a produção até o consumo, baseada naquilo que pode ser definido como acumulação flexível:

*Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalhos, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional.*¹⁰

E o mundo do trabalho é talvez a área que mais sofre impactos com o novo paradigma da flexibilização. Esse paradigma, associado à desarticulação das lutas sindicais e ao desemprego e subemprego¹¹, permitindo o crescimento da mão-de-obra excedente, leva a novas formas de contrato de trabalho que deixa de lado antigas conquistas dos trabalhadores.¹² Assim, essas mudanças no mercado do trabalho acompanham as grandes mudanças que estão se dando no âmbito da organiza-

10. David Harvey, *Condição pós-moderna*, p. 140.

11. No caso brasileiro, o desemprego está atingindo altos índices na região com maior nível de industrialização que é a Grande São Paulo. São 1,648 milhão de desempregados de acordo com dados da pesquisa do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos) e da Fundação SEADE (Sistema Estadual de Análise de Dados). Esse número corresponde a 18,9% da PEA (População economicamente Ativa).

12. David Harvey, *Condição pós-moderna*, p. 143.

ção industrial e do desenvolvimento tecnológico.¹³ Ao mesmo tempo que há a flexibilização da organização industrial, há a flexibilização do mercado de trabalho.

Criou-se, dentro do próprio mercado de trabalho, um centro e uma periferia à semelhança do mercado mundial e dos mercados nacionais. Há um núcleo, cada vez mais reduzido, de trabalhadores altamente qualificados que recebem altos salários e há uma periferia de trabalhadores que fica à mercê da alta rotatividade.¹⁴

Ao mesmo tempo, há a desvalorização do trabalho. Esta, aliás, é uma das escolhas que sempre está à disposição do capitalismo frente às ameaças de superacumulação. Assim foi com a Grande Depressão, de 1929, e com a superacumulação de 1973.¹⁵ Na atual situação do capitalismo mundial, acrescenta-se um outro elemento que agrava essa desvalorização do trabalho. O emprego da sofisticação tecnológica em larga escala aumenta a possibilidade de descarte da força de trabalho ao invés de disponibilizar as pessoas para outras atividades mais prazerosas:

Em vez de abrir caminho para uma diminuição e até mesmo uma abolição bem-vindas, planejadas do trabalho, ela suscita sua rarefação e muito logo sua supressão, sem que tenham sido igualmente suprimidas ou mesmo modificadas a obrigação de trabalhar e a corrente de intercâmbios, da qual o trabalho sempre foi o único elo suposto.¹⁶

Se até o final da década de sessenta o desempregado tinha perspectivas de conseguir emprego no curto prazo, hoje, a situação é muito

13. O novo modelo organizacional empresarial, ao contrário do modelo anterior baseado em grandes corporações, está fundamentado num núcleo de produção, com tecnologia de ponta altamente sofisticada, e uma rede de pequenas e microempresas que fornecem àquele núcleo os elementos necessários para a produção. Sobre a questão do avanço tecnológico, a observação de Oliveira é pertinente: “O próprio avanço tecnológico tornou possível a atual ‘revolução tecnológica’ (...), que efetivou a combinação de altíssimo grau de desenvolvimento tecnológico, fazendo da ciência e da tecnologia as primeiras fontes produtoras de riqueza, o que aumentou consideravelmente a produtividade do trabalho humano, com a superexploração ou mesmo com o desemprego estrutural...” (*Tópicos sobre dialética*, p. 173).

14. David Harvey, *Condição pós-moderna*, p. 144.

15. Idem, p. 170.

16. Viviane Forrester, *O horror econômico*, p. 111.

diferente¹⁷. Com a diminuição dos postos de trabalho nas empresas, e em razão da adaptação das mesmas às novas exigências de organização empresarial e tecnológicas, a possibilidade de conseguir emprego é quase remota, mais ainda para aqueles que estão na periferia do mercado de trabalho.

— 4 —

Os discursos oficiais e dos defensores da globalização, ao falar das vantagens e conquistas do novo modelo econômico, escondem o fato de que a globalização não integra, mas exclui regiões e bilhões de pessoas e, desta forma, traz conseqüências sociais que colocam em risco a sobrevivência de grandes parcelas da humanidade.

A exclusão, como vimos, é uma conseqüência deliberada da economia “globalizada”. O alto grau de competição, o alto índice de desenvolvimento tecnológico e a velocidade em que os capitais se movimentam em busca de mais lucros geram a exclusão social nas suas variadas formas. Duas dessas formas são, como demonstramos brevemente neste artigo, a destruição das políticas públicas do Estado e o colapso do trabalho e o desemprego.

Bibliografia

- ASSMANN, Hugo. *Desafios e falácias. Ensaio sobre a conjuntura atual*. São Paulo, Ed. Paulinas, 1991.
- CASTEL, Robert. “As armadilhas da exclusão”. In BÓGUS, Lúcia e outras (org). *Desigualdade e a questão social*. São Paulo, EDUC, p. 15-48.
- FORRESTER, Viviane. *O horror econômico*. São Paulo, Ed. UNSEP, 1997.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. 7ª Ed. São Paulo, Ed. Loyola, 1998.
- HIRST, Paul e THOMPSON, Grahame. *Globalização em questão*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1998.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo. “A globalização e a problemática do terceiro mundo: desafios éticos”. São Paulo, 1996. (mimeo)
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo. *Tópicos sobre dialética*. Porto Alegre, EDUPUCRS, 1997.

17. Forrester afirma que “um desempregado, hoje, não é mais objeto de uma marginalização provisória, ocasional, que atinge apenas alguns setores; agora, ele está às voltas com uma implosão geral... Ele é objeto de uma lógica planetária que supõe a supressão daquilo que se chama trabalho; vale dizer, empregos.” (p. 11).